

Capa

Depois de pouco mais de uma década sem publicar novo volume de poesias e às vésperas de completar 80 anos, Ferreira Gullar lança *Em Alguma Parte Alguma* e reafirma que não procura pelos poemas: “São eles que me aparecem”



TOMAS RANGEL/DIVULGAÇÃO

ainda este ano pela Casa da Palavra. Sobre tantos acontecimentos que vêm transformando 2010 em um ano excepcional, Ferreira Gullar falou ao *Sabático*.

● **Essa será sua terceira participação na Flip, agora sobre a importância de sua obra.** Sim, estive na primeira edição, em 2002, e voltei três anos depois para participar de uma mesa sobre escritores exilados ao lado do poeta palestino Mourid Barghouti. E foi nessa Flip que eu disse uma frase que se tornou famosa. Discutíamos sobre a tensa relação de Israel com a Palestina quando observei que os dois lados argumentavam de forma convincente. O problema é que isso resulta em uma guerra sem-fim. Foi quando, para exemplificar minha opinião, contei um caso familiar de quando tive uma discussão bobo com minha companheira, Cláudia (*Aljina*, poeta que conheci em 1994), mas que ficou tão acalorada a ponto de ela decidir não ir mais ao cinema. Foi embora e me deixou cheio de razão mas muito triste. Nesse momento do debate, eu disse a tal frase: “Não quero ter razão, quero é ser feliz” (*risos*).

● **Isso provocou muita agitação?** Foi algo que empolgou de tal maneira a ponto de, durante a sessão de autógrafos, um leitor se aproximar e dizer que acabara de ligar para a namorada e encerrar uma briga com ela. Para isso, ele repetiu a mesma frase. E, anos depois, minha companheira me presenteou com uma caneca, comprada no comércio popular, com os mesmos dizeres. Ou seja, tem gente ganhando à minha custa.

● **Você vive um momento muito inspirado próximo dos 80 anos, não?** Confesso que não penso muito nisso, quero dizer, no fato de atingir essa idade. Não me sinto como um homem de 80 anos, pois ainda tenho muita agilidade física (aindo veloz na rua, a ponto de meus amigos reclamarem), continuo brigador, meu pensamento se mantém ativado, ainda desfruto dos acontecimentos do mundo. Assim, a velhice não está muito presente. Só pretendo parar quando estiver bem senil, babando na gravata.

● **A idade também não influencia o ato de escrever poesia?** Por enquanto, não, embora eu não saiba se vou escrever mais poesia. Não procuro pelos poemas – eles que me aparecem, que me espantam. O processo só funciona assim comigo. O último, *Abduzido*, foi escrito em um hotel de São Paulo e fazia meses que eu não produzia nada. É imprevisível.

● **Qual seria o ponto em comum nos poemas de Em Alguma Parte Alguma?** A questão da linguagem, cuja forma usual é ultrapassada. Já começa no primeiro poema, chamado *Fica o Dito pelo Não Dito*, ou seja, são versos apresentados de uma forma totalmente diferenciada daquela pensada pelo poeta. A poesia aqui se coloca no limite entre o que se pode dizer e o que não se consegue dizer.

● **Isso significa que você não pretende mais modificar a linguagem, como fez em A Luta Corporal, mas trabalhará-la em seus limites?** Sim, buscar lucidez em algo que parece loucura. Sou um poeta que passou a vida mudando, cada livro resultou em algo diferente. Todos têm um fio condutor, mas são muito diferentes. *A Luta Corporal* é muito diferente de *Dentro da Noite Veloz* que, por sua vez, difere de *Poema Sujo*, que pouco tem a ver com *Na Vertigem do Dia*. Uns têm um modo sinfônico, outros lembram mais música de câmara.

● **Por falar em Poema Sujo, você voltou alguma vez a Buenos Aires depois do exílio?** Somente uma vez, em 2006. Não viajei de avião e, naquele ano, com o lançamento do *Poema Sujo* na Argentina, um amigo me convenceu a ir mas alugando um carro confortável, com chofer.

● **E como foi o reencontro com a cidade?** Fui ao prédio onde vivi, olhei para o 5.º andar onde ficava meu apartamento, tirei fotos na frente do edifício. A porta, a calçada, tudo continuava idêntico, mas o que mais me tocou foi descobrir que não havia nenhuma marca minha lá, são apenas paredes e portas. A amargura daqueles dias está estampada no poema. Buenos Aires continua parte de mim, nela eu me revejo. Mas a cidade não tem nada comigo, eu é que tenho a ver com ela.

● **Poema Sujo nasceu de um momento de urgência, quando você temia morrer no exílio. Acredita que poderá escrever outro poema tão extenso?**

Difícilmente. Ele surgiu por conta de um momento. O poema é uma invenção, não existe antes de ser feito. A poesia é uma espécie de aventura para capturar coisas que não existem. Até mesmo João Cabral de Melo Neto, que buscava a objetividade do verso, criou um estilo próprio ao da sua voz.

Arranjo. “Cada obra resultou em algo diferente. Umhas têm modo sinfônico, outras lembram música de câmara”, explica

Flip

O quadrinista norte-americano Robert Crumb participa hoje, ao lado do amigo e colega de ofício Gilbert Shelton, de uma das mesas-redondas mais disputadas do evento, na qual discutirá sua versão do *Gênesis*, disponível no Brasil

HUMOR AUTÊNTICO E PELO AVESSO

RAQUEL COZER
ENVIADA ESPECIAL
PARATY

Porem, por favor, disse Robert Crumb, na manhã de ontem, ao se aproximar da sala na qual enfim falaria aos jornalistas em Paraty – algo que até dois dias antes a organização da Flip temia que ele nunca chegasse a fazer. Tentar caretas ou levantar o dedo do meio para os fotógrafos que o cercavam na entrada, na tentativa de evitar registros, havia surtido o efeito inverso (foram as fotos preferidas por todos ali), então o cartunista precisou reclamar. A questão é que Crumb sorri quando está desconfortável, numa espécie de reação reflexa, de modo que os outros demoram a entender quando é hora de deixá-lo em paz.

Hoje, às 19h30, ele participará de uma das mesas mais concorridas desta edição, com o pai dos *Freak Brothers*, seu amigo Gilbert Shelton – que, como ele, é um dos nomes centrais das HQs underground dos anos 60. Os dois chegaram da França com suas respectivas mulheres, a cartunista Aline e a agente literária Lora Fountain, na terça pela manhã, mas quase não se viu Crumb. Shelton circulou à vontade, sempre de calça jeans com suspensórios, mas o criador do *Mr. Natural* deu parcos sinais de vida. Anteontem, foi passear de barco e almoçar na ilha do Catimbu com seu mesmo figurino básico de personagem de quadrinhos: calça e camisa social, chapuzinho à moda antiga e casaco preto. E passou longas horas “meditando” na posada, nas palavras de Aline.

Como o trabalho mais recente do artista, a versão ilustrada do *Gênesis*, saiu no Brasil no ano passado, duas editoras trataram de arrumar material para sua passagem pela Flip. A Conrad, que tem quase toda a obra dele por aqui, preparou uma edição de capa dura de *Meus Problemas com as Mulheres*, que reúne cartuns do título homônimo em inglês e outros feitos de 1964 a 1991. A Desiderata fez nova edição do *Kafka de Crumb*, bio-grafia com texto de David Zane Mairowitz, publicada em 2006 pela Relume-Dumará. O próximo trabalho inédito está previsto para 2011. A princípio, se chamará *Drawn Together*, e reunirá histórias feitas em parceria



TASSO MARCELO/AG



REPRODUÇÃO

No limite. Crumb com sua mulher Aline Kaminsky (acima): assédio intenso de fotógrafos na coletiva irritou o cartunista, que também tem *Meus Problemas com as Mulheres* e *Kafka* editados no Brasil (desenhos ao lado)

com Aline Crumb – inclusive aquelas que, feitas para a *New Yorker*, foram publicadas em português pela revista *plaiú*. Crumb não gosta de dar entrevistas porque jornalistas perguntam sempre as mesmas coisas, é o que ele diz. Não teria nem vindo ao Brasil não fosse uma forcinha “das sras. Shelton e Crumb”, que, dispostas a sair da rotina, o convenceram a pegar o avião. “Vim de classe executiva, foi legal. Estou me divertindo à beça”, disse, irônico, aos repórteres interessados em detalhes. “Se pudesse escolher, iria para um lugar onde fosse anônimo. Sou melhor em observar que em ser observado.” É verdade que Crumb é bom em reparar em pessoas e situações para depois ilustrá-las, mas também é curioso observá-lo. O quadrinista é o ranheta menos ranzinza de que se

tem notícia. Reclama de tudo, do governo, da música dos dias de hoje, do assédio do púlpico, do barulho (Aline e ele acharam o povo brasileiro, até onde foram dados a conhecer, em Paraty, um tanto “inquieta”), só que cada uma de suas frases de efeito vem acompanhada por uma sacudida de ombros, aquele sorriso por ato reflexo e a famosa franquia na testa para evitar que os olhos lhe escorreguem pelo nariz. Um ator não faria melhor, mas ninguém duvida de que seja autêntico. Não é sempre que Aline consegue arrastá-lo para fora da vila onde os dois vivem desde os anos 80, no sul da França. No ano passado, por exemplo, ao viajar para a Índia, achou melhor deixar o marido em casa. “Adorrei tudo por ali, mas ele teria morrido”, disse ela ao *Sabático*, na quarta-feira. Ele até sabe

se virar sozinho, conta a mulher – depois de 25 anos entre franceses, sabe da língua o suficiente para conseguir comida e sobreviver, “E agora ele está com uma secretária, uma amiga minha, americana. Além do mais, todo o mundo na cidade o conhece e o protege.” Crumb diz ainda não ter se acostumado com a ideia de que quadrinhos hoje são vistos como arte ou literatura. Acha “bizarro” participar de um evento como a Flip e estranha o boom nas vendas de HQs. “Quadrinhos não foram feitos para se levar a sério, me assusta ver isso acontecer”, diz. Mas não reclama, e por isso aceita fazer tudo isso que detesta – viajar, dar entrevista, dar autógrafa vez por outra, quando alguém o pega de surpresa. “É algo economicamente muito viável, e é também por isso que estamos aqui.”

UMA AVENTURA PARA CAPTURAR COISAS QUE NÃO EXISTEM

UBIRATAN BRASIL
ENVIADA ESPECIAL
PARATY

O primeiro livro de poesia, *A Luta Corporal*, Ferreira Gullar bancou do próprio bolso, em 1954. “Também fui a duas livrarias do Rio de Janeiro e pedi que deixassem lá, esperando que alguém comprasse”, relembra. “Na primeira, venderam três dos cinco exemplares, mas, na outra, não saiu nada, pois colocaram os volumes na prateleira das obras esportivas, junto com livros de artes marciais.” Dito isso, ele solta uma gargalhada, manifestação cada vez mais constante – próximo do 80º aniversário (10 de setembro), o poeta vai comemorar a data com o lançamento do livro *Em Alguma Parte Alguma*, que chega 11 anos depois da publicação de *Muitas Vozes*, ambos pela editora José Olympio.

Longos períodos de abstinência (*Barulhos*, o penúltimo, foi lançado em 1987) não o preocupam – Gullar gosta de repetir que é o

compor e que dali por diante só seria possível se repetir, algo definitivamente contrário à sua índole criativa. Corteja, assim, o concretismo, propõe o neonecretismo, volta-se ao cordel em busca do verso limpo e espontâneo até que, em 1975, quando vivia no exílio em Buenos Aires, o temor de morrer é transformado em uma compulsão criativa que o impede a escrever, com uma linguagem intensíssima, o *Poema Sujo*, considerado por Vinícius de Moraes a mais importante obra poética brasileira já publicada. E por que “Sujo”? Porque expressa um desabafo e expõe as visceras em forma de poesia.

Nos trabalhos seguintes, Gullar dirigiu suas atenções para a morte, mas sem fazer dela motivo de angústia existencial. *Em Alguma Parte Alguma*, ele explora temas diversos, desde o cosmos até as artes plásticas, área que transita com tranquilidade, como criador e crítico; dedica versos, aliás, a amigos queridos como os artistas Iberê Camargo e Amílcar de Castro. Agora, prepara um livro com sua colega, *Zoologia Bizarra*, que deve ser lançado

“Não quero ter razão, quero é ser feliz”, disse ele em uma acalorada discussão; a frase caiu em “domínio público”

O FUTURO É VIRTUAL, O PROBLEMA É REAL

Livro digital inspira debate sobre autoria e hábito de leitura entre Peter Burke, Robert Darnton e John Makinson

ANTONIO GONÇALVES FILHO
ENVIADA ESPECIAL
PARATY

Dois historiadores da mesma geração, o inglês Peter Burke, de 73 anos, e o americano Robert Darnton, de 71 anos, discutiram anteontem sobre o futuro do livro na era digital, antes que o último participasse, ontem, pela manhã, de um debate com um historiador mais novo, o inglês John Makinson, de 54 anos, CEO da Penguin Books. O diagnóstico não foi nada animador para os leitores de livros físicos. Antes que todas as traças do planeta se unam para destruir os livros de papel que restam, o leitor do futuro já estará se comportando como naqueles antigos filmes de ficção onde ninguém mais lia, apenas consultava telas. Para Darnton, essa será uma imagem real e inevitável, o que vai trazer não só uma mudança na relação entre leitor e autor como a diluição do mesmo num oceano de anônimos.

Não que Darnton considere de todo negativa essa diluição. A autoria, como lem-

brau no debate, é uma questão burguesa, que surge paradoxalmente com a censura aos livros na república das letras do Iluminismo francês. Era, então, um mundo sem direitos autorais, em que o privilégio de publicar não pertencia ao autor de um texto, mas aos reis, que decidiam o que o cidadão das ruas podia ou não ler. Um livro não recomendado circulava, então, como uma obra pirateada, levando autor, editor e vendedor às galeras, o que equivalia à sonegação total de direitos. Os americanos querem fazer o mesmo no século 21. As empresas interneticas pretendem que a concessão dos direitos autorais seja eterna para não pagar royalties a quem eles pertencem, lembra Darnton, que sugere com entusiasmo a formação de um movimento contra os lobistas da sonegação.

Responsável pelos 14 milhões de livros da valiosa Biblioteca da Universidade Harvard, Darnton revelou que não usa o Kindle. Tampouco Peter Burke conhece alguém que tenha lido *Guerra e Paz* em sua versão digital. Na biblioteca de Babel online, Tolstói perde para Dan Brown e quem vai acabar perdendo com isso é o leitor do futuro. Burke, reforçando o pessimismo de Darnton, anteviu esse futuro como um tempo em que as crianças aprenderam a ler na tela do computador vão pular de uma página para outra num quem ultrapassa uma barreira, fazendo da literatura uma corrida de obstáculos. Burke, em outro exercício de futurologia,

acha que o papel do livro vai diminuir em comparação com outros meios de comunicação. Sobre o conhecimento enciclopédico digital, lamenta que leitores se entreguem cegamente a ele, embora considere que os equívocos da Wikipédia possam despertar o espírito crítico dos usuários, contribuindo para o advento de um novo gênero que substitua a enciclopédia surgida no Iluminismo. Em todo o caso, tanto Burke como Darnton lembraram que, no fim do século 15, quando o livro apareceu, também ocorreu um fenômeno parecido, desorganizando o mundo da escrita, depois reorganizado. Na manhã de ontem, a discussão tomou outro rumo. Darnton, que acompanhou a digitalização do acervo da Biblioteca de Harvard pelo Google, considera, de fato, que essa transferência para o mundo virtual se compara à passagem dos manuscritos para o texto impresso no fim do século 15. Com uma diferença fundamental: o texto virtual poderá eclipsar novamente a questão da autoria. O historiador lembra que, antes do advento dos direitos autorais, os livros eram escritos na França pré-revolucionária como num processo de bricolage, em que cada autor aproveitava do outro o que tinha de melhor, apropriando-se de trechos inteiros sem o mínimo sentimento de culpa. Num mundo que vê 1 milhão de novo livros surgindo a cada ano, pode-se imaginar o que essa collage vai significar no ciberespaço. O livro impresso, lembra Darnton, pode não

desaparecer, mas o jeito de ver o mundo sim. Também por isso, Darnton discordou da intenção dos dirigentes do Google de cobrar pelas cópias digitais do acervo. Menos apocalíptico e mais integrado que Darnton, Mackinson acha que o declínio das vendas do livro físico é inevitável e que o armazenamento digital da informação poderá trazer benefícios para o leitor do futuro, acenando com a interação entre meios eletrônicos com uma nova forma de ver e ler o livro. Darnton concorda com ele nesse sentido, lembrando que os livros digitais de história já remetem o leitor para documentos antigos de vídeo e sons. Há, evidentemente, uma preocupação: a de que todo esse acervo desapareça por força da dinâmica do mercado. Softwares envelhecem rápido e empresas vão à falência com muita facilidade. A conservação de um acervo digital é ainda precária. Para quem o leitor vai reclamar se um livro for adulterado ou sair do ar misteriosamente do seu e-reader? Já se fala em livro por assinatura, como os canais de TV, mas Mackinson duvida que venha a ser o sistema dominante. O futuro é virtual, mas o problema é real.

estadio.com.br

Leia mais sobre a Flip no blog blogs.estadio.com.br/flip